

A PERIFERIA NO CENTRO

Último show do festival “Independência ou Morte? Outros caminhos da música brasileira” traz a periferia para discutir sua independência

Por Marcos Lauro - marcoslauro@uol.com.br

O Centro Cultural Banco do Brasil recebeu nesta terça-feira, 23 de outubro, o último show do festival “Independência ou Morte? Outros caminhos da música brasileira”, onde se apresentaram apenas artistas independentes, ou seja, sem vínculos com grandes gravadoras. O convidado a fechar as cortinas foi Rappin’ Hood, com direito a um convidado de peso: BiD.

A apresentação do rapper de Heliópolis difere um pouco da maioria de seus companheiros de rima. Além da figura do DJ, dois percussionistas o acompanham, deixando o som mais encorpado. Hood (bem melhor do que Marcelo D2, diga-se) faz uma mistura do samba com rap e tem nos seus discos participações como Arlindo Cruz, Leci Brandão e Jair Rodrigues, entre outros.

Seu show é uma celebração ao rap e à música negra brasileira. Há também, como em todo bom rap, as críticas sociais, mas o tom de festa é dado pelo DJ Primo. Entre um som e outro, o DJ solta bases de Gap Band, James Brown e Tim Maia. Os percussionistas Beto Repilique e Guto Bocão comandam o “bailinho”, lembrando alguns passos e sendo seguidos por Rappin’ Hood. Como diria Mano Brown, “é tudo nosso”.

BiD, músico e produtor de álbuns como “Afrociberdelia” (Chico Science & Nação Zumbi) aparece logo na segunda música, o “Rap du Bom”, e fica no palco até o final do show

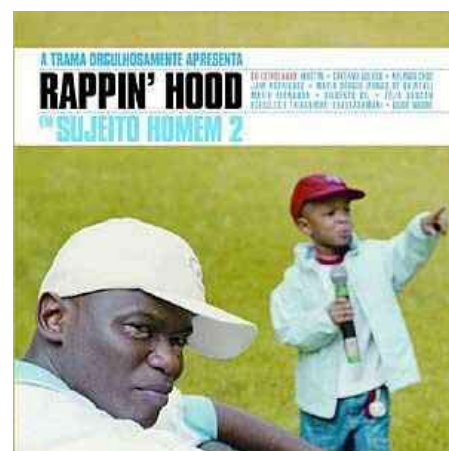
colocando os sons da sua guitarra no rap.

Apareceram músicas dos dois álbuns de Hood, *Sujeito Homem* e *Sujeito Homem II* (2001 e 2005, respectivamente). Sempre com mensagens positivas, sons como “Ex-157” (“Não vou virar notícia do comédia do Datena”), “Us Playboy” e “Rap, O Som da Paz” ditam o ritmo da apresentação, que termina com uma homenagem aos trabalhadores da periferia, que começam o seu dia às 5h da manhã e viajam até o centro de São Paulo para garantir o pão de cada dia. “Us Guerreiro”, conta Hood, foi a forma que achou para contar a seu filho sobre os 400 anos de sofrimento do povo negro no Brasil.

Com certeza, um show do Rappin’ Hood em pleno centrão de São Paulo serve como uma viagem à periferia, suas rodas de samba e suas gírias. Aumenta o volume, que é rap do bom.

OS RESULTADOS DO FESTIVAL

Além dos shows, o “Independência ou Morte?” abriu espaço para debates entre os músicos, convidados e a platéia. O tema, como não poderia deixar de ser, foi o mercado musical independente. Como gravar e vender CDs sem estar numa grande gravadora? Ou então: Para quê gravar um CD hoje em dia? “O CD, para quase todos, está mais como uma maneira de se divulgar e não como um produto para venda. Os shows ganharam uma grande importância



Capa do *Sujeito Homem II*, de 2005

nesse contexto”, afirma Rogério Bastos, baterista d’O Grito e curador do festival, que completa com o quadro diagnosticado nos debates: “A internet foi uma unanimidade como uma ferramenta de democratização do acesso e divulgação”.

O formato do festival (duas bandas se apresentando no mesmo dia e interagindo entre si) também foi comemorado. “Tomamos o cuidado de juntar artistas que estilisticamente ou por afinidade se combinavam. Deu certo! Não tivemos nenhum show onde não houve uma grande interação. Saíram parcerias de música e muitos contatos foram proporcionados”, afirmou Bastos.

Os artistas independentes precisam de espaço para apresentar suas idéias e seus trabalhos. E é isso que o festival “Independência ou Morte?” pretende ser, como revelou o curador: “A idéia é tornar o Festival um evento anual e criar um fórum permanente para entendermos e abrir espaços para o mundo independente”.